

**FUTEBOL, MISTIÇAGEM E RACISMO**

Agnaldo Kupper<sup>1</sup>

**RESUMO**

Admite-se a visão de que, através do futebol, o brasileiro aprendeu a expressar-se, revelar-se, procurando contar a sua história a partir de si mesmo, mesmo sem grande clareza. Nascido elitista, na década de 1920 o fenômeno futebol já contaminava jogadores, torcedores, dirigentes, jornalistas e treinadores. Popularizou-se por ser praticado por gente simples, muito talvez pela origem humilde de atletas como Leônidas da Silva. Talvez, também como possibilidade simbólica de igualdades entre negros e brancos. A ideia de miscigenação e, particularmente, a presença do negro na composição social brasileiro, teria - com grande participação da mídia - implantado a visão de que nossas predisposições raciais teriam trazido ao futebol brasileiro a ginga e a malícia, além do improviso. Definitivamente, não é bem assim.

**Palavras-chave:** Futebol. Miscigenação racial. Inserção social.

**ABSTRACT**

Football, miscegenation and racismo

One cannot dismiss the view that, through football, the Brazilian learned to express himself, to reveal himself, trying to tell his story from himself, even without great clarity. Born an elitist, in the 1920s the football phenomenon already contaminated players, fans, officials, journalists and coaches. It became popular because it was practiced by simple people, perhaps because of the humble origin of practitioners like Leônidas da Silva. Perhaps, also as a symbolic possibility of equality between blacks and whites. The idea of miscegenation and, particularly, the presence of blacks in the Brazilian social composition, would have - with a great deal of media participation - implanted the view that our racial predispositions would have brought Brazilian swing and malice, in addition to improvisation. It is definitely not so.

**Key words:** Football. Racial miscegenation. Social insertion.

---

1 - Universidade Estadual Paulista, campus de Assis, São Paulo, Brasil.

E-mail do autor:  
agnaldokupper2009@hotmail.com

### Negros no Futebol brasileiro

Em 1869, estudos antropológicos desenvolvidos pelo Conde de Gobineau no Brasil, levaram-no a concluir que ocorreria uma degeneração genética no país em decorrência da miscigenação e mestiçagem.

A propagação das ideias racistas durante o século XIX e início do século XX sacudiram o planeta, em especial por ocasião do imperialismo imposto a regiões africanas e asiáticas por ocasião da Segunda Revolução Industrial.

No Brasil, abolida a escravidão de forma oficial no ano de 1888, teorias próprias do racismo científico sustentavam a visão de necessidade de se “embranquecer” a população brasileira e de serem estabelecidas ferramentas que dessem disciplina à população, além de consistência a uma suposta sociedade frouxa, distante de princípios morais.

As discussões em torno da propalada superioridade da raça branca chegou ao Brasil. Intelectuais como Nina Rodrigues (1862-1906), Sílvio Romero (1851-1914) e Euclides da Cunha (1866-1909) foram convencidos sobre a existência de etnias superiores e inferiores.

Para Romero, apenas o branqueamento da população brasileira a salvaria da degeneração. Para estes autores, no entanto, a concordância de que o mestiço seria o principal representante da população brasileira e expressão de nossa identidade nacional.

Nina Rodrigues chegou a pensar a formação de habitats naturais em que cada etnia poderia se desenvolver adequadamente. No interior do Brasil poderiam viver os mestiços. Um ambiente mais rústico, hostil e agressivo como eles, onde poderiam aprimorar e desenvolver suas potencialidades. Já nas faixas litorâneas do país, poderiam viver as pessoas civilizadas do tipo europeu.

A princípio, o futebol serviu como vitrine do modo de vida e dos valores do velho continente, além de ser um traço indicador das estratificações sociais.

O futebol, segundo uma visão elitista, serviria ao propósito de “civilizar” um povo, dando-lhe a disciplina capaz de estabelecer princípios ordenadores a uma população vista como preguiçosa e desleixada.

Diante de negros e mestiços agora livres (sob o ponto de vista das elites brancas), o futebol poderia justificar fisicamente a condição privilegiada das mesmas, como nos narra Leonardo Affonso Pereira:

Desde o final do século XIX, quando a ideologia de dominação senhorial que sustentava e legitimava a desigualdade e a dominação dos senhores sobre os seus dependentes dava os seus primeiros passos de deterioração, os círculos senhoriais começavam a procurar novos meios de justificar sua superioridade sobre a massa de negros e pobres que se espalhava pelas ruas da cidade. Proclamada a República e extinta a escravidão, esta parecia ser uma questão crucial para esses grupos endinheirados - que buscaram, por isso, diferentes meios de respondê-la. O esporte aparecia, a partir das formulações das teorias higiênicas, como uma solução perfeita: afirmando a superioridade ‘natural’ dos indivíduos adeptos de uma boa educação física sobre aqueles que mantivessem seu apego à preguiça e ao marasmo que seriam uma das marcas do caráter nacional, dava aos jovens elegantes a oportunidade de buscar, nos campos, a justificativa moral para sua superioridade que se perdera no final do século XIX. Excluídos desses clubes, os trabalhadores continuariam condenados à degeneração física e mental, distanciando-se cada vez mais dos corpos bem-educados e fortes dos jovens foot-ballers (Pereira, 2000, p.181).

As intenções de modernização no Brasil podem ser observadas na reurbanização da capital federal brasileira (Rio de Janeiro) nos anos iniciais do século XX, quando “o traçado urbano da cidade foi radicalmente alterado, com alargamento das vias públicas, remoção de casebres, cortiços e do comércio de rua, provocando o deslocamento das camadas pobres da região central da cidade” (Kupper, Chenso, 1998, p. 207).

Ao longo de boa parte da história brasileira fez-se uso da miscigenação das etnias como meio de consolidação da ideia de que no Brasil sempre existiu uma democracia racial. A expressão provém do sociólogo francês Roger Bastide que viveu no Brasil por mais de uma década e teria sido ratificada a partir dos pensamentos de Gilberto Freyre.

O mito da democracia racial, no entanto, encobriu por várias décadas o preconceito em relação aos indígenas, negros e mestiços, sendo amplamente utilizado para camuflar ou mascarar as opressões sociais através de ideologias conservadoras ditadas pelas elites dominantes nacionais.

Nos anos 1930, a valorização da mestiçagem tornou-se um importante fator de impulso ao projeto desenvolvimentista do Brasil ao tentar convencer que as diferenças sociais oriundas da cor da pele e dos traços faciais inexistiam ou, se existiam, deveriam ser abolidas. Como tal, o mito da democracia racial, além de servir ao projeto de industrialização e urbanização do país, associou-se, também, a um desenvolvimento edificado a partir da concentração de renda e de poder sociorracial, com o racismo sendo contaminado pela associação entre cor da pele e condição social esperada.

Desta forma, a miscigenação passou a ser incorporada como um símbolo positivo diferenciador da nação brasileira, entendendo-a não como causa da degeneração da sociedade, mas fator de convivência harmônica e sem conflitos.

Atribuiu-se a Gilberto Freyre a origem da visão positiva da miscigenação e da suposta tolerância entre as etnias que dela decorria. No que se refere ao futebol, Freyre chegou a afirmar até com certa euforia:

(...) de maneira inconfundível formou-se um estilo brasileiro de futebol; e esse estilo é uma nova expressão da nossa mulatice, perito em assimilação, domínio e abrandamento coreográfico sinuoso e musical de técnicas europeias e norte-americanas, que são muito angulosas para o nosso gosto. (...) No futebol, como na política, a mulatice brasileira caracteriza-se pelo prazer da elasticidade, da surpresa, da retórica, que lembra passos de dança e fintas de capoeira (Freyre, 1945, p. 421).

Fato é que, após a abolição da escravidão no Brasil (1888), a lógica econômica senhores x escravos foi abolida por lei, porém a marca de séculos de estigmatização sobre a população negra não foi superada, passando a ser desenvolvidas formas particulares de manifestação do racismo, como afirma Oracy Nogueira:

(...) Não obstante acobertar uma forma velada de preconceito, a ideologia brasileira de relações inter-raciais, como parte do ethos nacional, envolve uma valorização ostensiva do igualitarismo racial, constituindo um ponto de referência para a condenação pública de manifestações ostensivas e intencionais de preconceito, bem como para o protesto de elementos de cor contra as preterições de que se sentem vítimas. Além disso, dado o orgulho nacional pela situação de convivência pacífica, sem conflito, entre os elementos de diferente procedência étnica que integram a população, as manifestações ostensivas e intencionais de preconceito assumem o caráter de atentado contra um valor social que conta com o consenso de quase toda a sociedade brasileira, sendo por isso evitadas (Nogueira, 2007, p.297).

De qualquer forma, através de seus estudos Freyre contribuiu para deslocar o eixo até então existente nas interpretações sobre o Brasil, muito ligadas a argumentações raciais, presas a determinismos biológicos e geográficos. Para contemporâneos de Freyre e intelectuais posteriores, a tese da democracia racial traçada pelo autor indica erro ao estabelecer que a miscigenação teria integrado ao invés de segregá-lo. Muitos desses críticos afirmam que Freyre teria criado uma poderosa construção ideológica que acabou por despolitizar e esvaziar as questões raciais no Brasil, trazendo a ideia de que entre brasileiros não existe racismo.

### Racismo e Futebol

“Pó-de-Arroz”. Assim passou a ser conhecido o clube carioca Fluminense, por, em 1914, apresentar em sua equipe de futebol o jogador mestiço Carlos Alberto, proveniente do América FC. Na tentativa de fazê-lo passar por um jogador de futebol branco, Carlos Alberto tinha as partes de seu corpo descobertas pelo uniforme do clube com pó-de-arroz. No transcorrer das partidas, o disfarce ruía pelo suor do atleta.

O próprio América carioca foi vítima da não aceitação da presença negra em seus quadros: Antônio Muniz Duarte, jogador negro (conhecido por Manteiga), durante o ano de 1921 foi hostilizado por companheiros devido à

sua cor de pele, sendo desligado da agremiação durante uma excursão à Bahia:

“(...) o torcedor do América se recusava a torcer por Manteiga; jogadores do América se recusavam a jogar ao lado de Manteiga, preferindo sair do time, do clube” (Rodrigues Filho, 1964, p.55).

A discriminação a negros, mulatos e a pobres, no entanto, não impediu a projeção de Arthur Friendereich (“El Tigre”, como conhecido). Filho de um alemão com uma negra (embora não o pai, mas o avô fosse germânico) Fried foi elevado à condição de ídolo do futebol brasileiro. Cabelos crespos e pele morena, Fried negava sua descendência, chegando a atuar pelo Fluminense Football Club com gomalina nos cabelos, procurando alisá-los para ser aceito no meio. Tornou-se expoente do futebol paulistano ao atuar no Clube Atlético Paulistano.

Na seleção brasileira, atuou entre 1914 e 1935. No campeonato sul-americano, vencido pelo Brasil em 29 de maio de 1919, no Rio de Janeiro, Friendereich foi o autor do gol da vitória. Tomás Mazzoni assim chegou a descrevê-lo:

(...) Completíssimo (...). Tudo ele teve, nada deixou de fazer com a bola. Foi técnico, estilista, improvisador e construtor, artilheiro e fintador, compassado e astuto. A sua arte, uma maravilha (...). Jogou com imaginação e intuição, com inteligência e vivacidade, com lealdade, elegância, correção e audácia. (...) Todo o seu jogo foi um espetáculo, como raro outro avante, desde que o futebol existe no mundo, o executou. Em um quarto de século, o jogo de Fried criou um verdadeiro dicionário da sua arte (...). Que gênio! Que fenômeno! (Mazzoni, 1950, p.74).

No ano de 1923, o Clube de Regatas Vasco da Gama mostrou como grande novidade a presença de vários jogadores negros e mulatos.

A atitude do Vasco ganhou a simpatia de intelectuais pelo clube, caso de Carlos Drummond de Andrade que, apesar de se considerar um torcedor apenas em época de Copa do Mundo, passou a entusiasmar-se pelo clube carioca.

A Liga Metropolitana do Rio de Janeiro, perante a situação, determinou que somente atletas capazes de assinar o próprio nome na súmula de uma partida e que comprovassem estudar ou trabalhar, poderiam participar de seus campeonatos. Na tentativa de burlar tais determinações, comerciantes forneciam declarações que atestavam emprego de atletas do Vasco da Gama em casas comerciais.

Em 1926, o São Cristóvão de Futebol de Regatas, também do Rio de Janeiro, conquistou o campeonato local com uma equipe formada essencialmente por negros e mulatos. No mesmo ano, o Bangu apresentou em seu elenco o maranhense Fausto dos Santos, que passou a ser conhecido, por seu futebol elegante e clássico, por “Maravilha Negra”.

Fato que a integração de negros, mulatos e brancos pobres no futebol brasileiro teve trajetória difícil. Não só no campo, mas também nas atividades sociais dos clubes.

Em São Paulo, após ser uma das criadoras da APEA (organização dos clubes de São Paulo), o Paulistano retirou-se da mesma em 1925, alegando que “(...) a cada dia o futebol fica mais impuro ao permitir o ingresso de jogadores sem a devida qualificação social” (Caldas, 1990, p.124). Pouco tempo depois, dissidentes do clube, que não aceitaram a orientação, uniram-se à Associação Atlética das Palmeiras fazendo nascer o São Paulo Futebol Clube, também chamado de São Paulo da Floresta (alusão ao campo da Floresta, bairro da Ponte Pequena).

Na década de 1930, negros e mulatos passaram a se destacar no futebol brasileiro, destaque a Domingos da Guia (“Divino Mestre”) e Leônidas da Silva (“Homem de Borracha”, “Rei da Bicicleta” ou “Diamante Negro”). O fracasso da seleção brasileira na primeira Copa do Mundo (1930) fez com que dirigentes passassem a concordar com a convocação de jogadores de origem negra, caso de Domingos, Leônidas, Jarbas, Gradin e Oscarino. Com eles, a seleção brasileira foi campeã da Copa Rio Branco contra o Uruguai, em 1932.

Em 1935, o Clube de Regatas Flamengo estruturou uma equipe formada, em sua maioria, por negros e descendentes, caso de Domingos, Fausto, Leônidas, Jarbas e Otto.

### Futebol e identidade nacional

Gilberto Freyre, ao enxergar na herança negra uma grande vantagem, deu o pontapé inicial para a construção de um novo modelo ao futebol, com a ginga e a malandragem associando-se à disciplina europeia. Quem sabe daí o ponto de partida para a construção da nacionalidade tupiniquim, uma vez que, para Freyre, o futebol seria a síntese da mistura cultural e racial que formava a nação brasileira, como que desejando provar que não havia supremacia dos arianos sobre outras raças, próprio do que se pregava nos anos 1930 a partir de teorias nazistas:

O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresas, de manhã, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha, foi até hoje, a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e capoeiragem que marcam o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses, e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil.” (Freyre, 1945, p.421-422).

Ao investigar a formação social brasileira a partir de uma vasta pesquisa em documentos históricos (arquivos da Inquisição, inventários de famílias, romances e relatos de viajantes), Freyre edificou a obra *Casa grande & senzala*, onde supostamente estabelece a teoria de que a miscigenação teve um caráter positivo na formação cultural brasileira.

Da proliferação das ideias de Freyre, o Estado Novo (1937-1945), sob o comando de Getúlio Vargas e que marcou, definitivamente, a transição de uma sociedade eminentemente agrária para uma sociedade urbano-industrial, fez bom uso. Afinal, desejava ver o futebol como símbolo da identidade nacional, juntamente com a capoeira e o samba. Numa cerimônia cívica, em dezembro de 1937 (mês

seguinte à instalação do Estado Novo), o Presidente assistiu à queima e destruição das bandeiras estaduais e ao hasteamento do pavilhão nacional na capital federal, Rio de Janeiro, em clara manifestação de superação do Estado Oligárquico, substituído pelo agora Estado Populista.

No aspecto social, a imagem de plena harmonia entre o povo e o governo era um dos objetivos mais caros a Vargas que, para atingir seus objetivos, fez uso de dispositivos jurídicos que asseguravam a repressão aos movimentos de esquerda, enquanto a aliança com as massas urbanas se estruturava e alicerçava no conjunto da legislação trabalhista e na manipulação política propiciada pelos mecanismos de propaganda dominados pelo Estado. Dessa relação entre o governante carismático, paternalista e a massa urbana, originou-se um dos mais característicos componentes da política brasileira contemporânea: o populismo, que representou o atrelamento dos trabalhadores e de suas organizações às diretrizes políticas implementadas por Getúlio.

Dentro do projeto de Getúlio Vargas, o futebol assumiu papel importante na trajetória política nacional e na busca da construção da identidade nacional. Através do futebol, o Estado passou a produzir a transição da “memória coletiva para a “memória nacional” (Alabarces, 2002, p.48). Ou seja, durante o Estado Novo, o futebol, até então vinculado ao lazer, ganhou importância de Estado uma vez que a proposta governamental passava à visão de que ricos, pobres, trabalhadores, brancos, negros e mulatos deveriam ter direito à participação no esporte. A mensagem estava dada: da montagem de um clube de bairro à montagem do selecionado nacional, o imaginário de nação através do pertencimento deveria estar presente.

Com Getúlio Vargas, o mundo do trabalho passou a incorporar heróis nacionais, tais como Domingos da Guia e Leônidas da Silva. Não sem a colaboração da mídia esportiva, quando jornalistas como Mário Filho, através de colunas no jornal *A Crítica*, do *Globo Esportivo* e *Jornal dos Sports*, conseguiram não apenas indicar os resultados das partidas de futebol (em especial do Rio de Janeiro, capital federal), mas também criar um mundo próprio para a prática através de acompanhamentos diários de treinos dos clubes, de concursos de



torcida, da humanização e desumanização de jogadores, de eleições de ídolos e heróis coletivos, assim como de craques da bola.

A oficialização do esporte no Brasil se deu através do Decreto-Lei n. 526, de 01 de Julho de 1938, quando foi criado o Conselho Nacional de Cultura, vinculado ao Ministério da Educação e da Saúde, com atribuição, inclusive, de incentivo à ginástica e ao esporte.

Leônidas da Silva despontou como exemplo do futebol-arte, tornando-se o ícone da representação do senso comum, o que se enraizou ainda mais com Pelé e Garrincha na década de 1960.

A partir do resultado da participação brasileira na Copa de 1938 (terceira colocada Copa do Mundo de Futebol daquele ano), representações de futebol emergiram no país e Estado e imprensa esportiva passaram a atual conjuntamente para a vinculação futebol-identidade nacional.

O destaque adquirido por Leônidas contribui para a compreensão da construção simbólica da ideia de nação através do futebol idealizada durante o Estado Novo. A imprensa esportiva, gerenciada pelo Estado, procurou fazer dos jogadores da Copa de 1938 os representantes da pátria, embora o Estado não tenha obtido consenso na campanha dos agentes envolvidos.

Leônidas tornou-se, mesmo sem clareza, o símbolo da resistência da classe trabalhadora à ideia de nação idealizada pelo governo varguista, principalmente no que tange à disciplina idealizada pelo Estado Novo, embora o próprio aparelho estatal apresentasse divergências. Ou seja, para o Ministério de Educação e Saúde os esportes teriam como fim a atividade física como forma de tornar seu praticante apto para o trabalho. Já para os representantes das Forças Armadas, a importância dos esportes estaria no preparo para a corporação militar, além de possibilitar o estabelecimento da disciplina no corpo social.

Mário Filho, ao publicar *O negro no football brasileiro*, no ano de 1947, aponta que o futebol se tornou o caminho para a inserção do negro e do mulato na sociedade brasileira. Desta forma, Filho colaborou para a construção da ideia de identidade brasileira a partir do futebol: a miscigenação brasileira estaria representada pela prática, sendo vista como positiva, na mesma linha teórica de Gilberto

Freyre e José Lins do Rego, que indicaram o caráter afirmativo da mestiçagem na formação da nacionalidade brasileira.

Vale ressaltar que na obra em destaque Mário Filho seguiu a linha da democratização racial, porém, sem grande unidade interpretativa, estabelecendo uma linha literária que atenta mais para as rivalidades territoriais e não propriamente relacionada a diferenças raciais, demonstrando a intenção interpretativa do passado através de episódios que, no rigor da análise, desmontam a visão de equilíbrio e harmonização racial do futebol brasileiro, com recheio contraditório ao caminhar entre a História, a literatura e o jornalismo. Ou seja, Filho procurou contar uma história interessante para atrair leitores, porém sem o rigor científico necessário para resgatar a história do futebol brasileiro, no todo ou em partes. Mas isso não enfraquece suas intenções.

Devido ao fato da capital federal atravessar nos anos 1930 e 1940 grandes transformações, em especial no mercado editorial através da proliferação de editoras, proliferou-se um discurso relativo ao futebol: o negro e o mulato seriam identificadores dos traços específicos do ser indivíduo:

E quem está na geral, na arquibancada, pertence à mesma multidão. A paixão do povo tinha de ser como o povo, de todas as cores, de todas as condições sociais. O preto igual ao branco, o pobre igual ao rico. O rico paga mais, compra uma cadeira numerada, não precisa amanhecer no estádio, vai mais tarde, fica na sombra, não apanha sol na cabeça, mas não pode torcer mais do que o pobre, nem ser mais feliz na vitória, nem mais desgraçado na derrota.” (Rodrigues Filho, 1947, p.293).

Mas mesmo com a progressiva inserção de negros no futebol brasileiro, a marca da pele manteve seu registro.

O racismo teria se acentuado no Brasil a partir da derrota na Copa de 1950 quando Barbosa teria falhado no segundo gol uruguaio (derrota brasileira na final por 2 gols a 1) e o jogador Bigode teria levado um tapa do capitão uruguaio Varela, sem qualquer reação.

A tese de fraqueza da etnia negra só teria sido desmontada a partir da Copa da Suécia de 1958, quando Pelé e Garrincha

levaram o país à sua primeira conquista. Édson Arantes do Nascimento, o Pelé, com apenas dezessete anos, teria passado a ser símbolo do futuro do país. Um jogador que expressa o inexplicável e que acompanhou, de 1958 a 1970, transformações significativas do país: os anos da bossa-nova, o tropicalismo, o cinema novo, a tensão social com o regime militar e a imposição do AI 5.

Talvez, mais do que Pelé, Garrincha tenha sido a síntese do brasileiro: uma mistura de saci, curupira e Macunaíma. Um ser que encontrou no futebol uma forma de se expressar, já que não dava sequência ao jogo sem antes se divertir com o adversário, fugindo ao imaginado pelo futebol inglês.

Nos anos finais da década de 1960, a Antropologia brasileira debruçou-se sobre a noção de alteridade, constatando que a pluralidade cultural no país se manifestava em mais lugares, compreendendo que a sociedade brasileira, historicamente, buscou tornar exótico aquilo que nos é familiar. Fundamental, neste sentido, foi o lançamento da obra *Carnavais, malandros e heróis* em 1979, de Roberto DaMatta, que procura explicar o povo brasileiro através dos rituais e mitologias. Nesse caso, o foco recai sobre as celebrações populares como carnavais, procissões, encontros futebolísticos, paradas e sobre os malandros e os heróis que habitam o imaginário do povo. O carnaval e o futebol, por exemplo, seriam momentos curtos e cronometrados, onde há inversão das posições sociais estabelecidas na sociedade, em que há liberdade para expressão de afetos e onde indivíduos pertencentes a camadas dominadas ganham destaque, comandando ações.

Fato é que o futebol passou a se colocar como um fenômeno de massa em países como o Brasil a partir da inclusão do negro na prática e da implantação do profissionalismo em seu interior.

## CONCLUSÃO

Os estudos sobre a mestiçagem não deixaram de ser positivos, afinal trouxeram a comprovação de que o Brasil era composto, em sua maioria, por negros e mestiços.

Gilberto Freyre nunca demonstrou interesse apaixonante pelo esporte. Por outro lado, atento aos fenômenos sociais, quase que

visionariamente, previu a popularização da prática no Brasil.

As teses sobre a mestiçagem e a democracia racial de Freyre disseminaram-se na cultura do futebol brasileiro e teriam atendido aos interesses dos setores sociais dominantes e tradicionais, exatamente em uma fase da história brasileira em que o esporte – e particularmente o futebol – constituía-se em paixão nacional.

O futebol seria, para Freyre, uma expressão cultural brasileira comprovadora do coletivismo e agregação e que possibilitaria a ascensão social do jogador mulato por conta de seu talento futebolístico. Um talento, aliás, que caracterizaria de forma única a prática no país, diferenciando-a da europeia em termos de plasticidade e irreverência, como que numa dança própria tupiniquim rompedora de teses científicas e diminuidora das desigualdades expressas na vida cotidiana.

Muito provavelmente o mito da mestiçagem entre negros e europeus teria gerado um jeito particular do brasileiro em jogar futebol e Freyre teria visto no futebol a possibilidade de reforçar sua tese acerca da integração racial. Em contado com Mário Rodrigues Filho (ao que consta por intermédio de José Lins do Rego), Freyre incentivou o irmão de Nelson Rodrigues a debruçar-se sobre uma questão, para ele essencial: a ascensão do negro através das pelejas do jogo da bola.

Ainda no prefácio da obra de Mário Filho (1947), Freyre aponta o futebol seria um dos elementos responsáveis pelo refinamento de fenômenos sociais com o cangaço, o samba e as danças.

Dentro de seu projeto de estabelecer novos rumos econômicos para o país, Getúlio Vargas identificou não ser possível a exclusão do negro e mestiço no processo identitário do que viria a ser o brasileiro. Jogadores como Leônidas da Silva, Fausto e Domingos da Guia foram fundamentais para seus propósitos.

A derrota brasileira na Copa de 1950, organizada no país, significou o desmonte da teoria da mestiçagem e da democracia racial que tornaria o Brasil diferente do mundo, com qualidades próprias e, portanto, diferenciadas. Mais: demonstrou, por certo período, a incapacidade do país de ascender ao mundo da modernidade com suas características peculiares

Mesmo com a progressiva inserção de negros no futebol brasileiro, a marca do racismo mantém seu registro. A popularização da prática, ao colocar em evidência e discussão a questão das identidades, não foi e não se mostra capaz de inserir, seja o brasileiro no que se reconhece como pátria, seja o negro e mestiço enquanto integrantes plenos do que é se entende ou se procura entender como nação.

A luta, assim como o jogo, continuam.

#### **REFERÊNCIAS**

1-Alabarces, P. Fútbol y pátria: el fútbol y las narrativas de la nación em la Argentina. Buenos Aires: Prometeo Libros Editorial. 2002.

2-Caldas, W. O pontapé inicial. Memória do futebol brasileiro (1894-1933). SP: IBRASA. 1990.

3-Freyre, G. Sociologia. Rio de Janeiro: José Olympio. 1945.

4-Kupper, A.; Chenso, P. A. História Crítica do Brasil. SP: FTD. 1998.

5-Mazzoni, T. História do futebol no Brasil. SP: Leia. 1950.

6-Nogueira, O. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. Tempo Social. Vol. 19. Núm. 1. 2007.

7-Pereira, A. M. Footballmania: uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. RJ: Nova Fronteira. 2000.

Recebido para publicação em 21/04/2020

Aceito em 03/11/2020